




Ministério

Adventista



Maio-Junho de 1964



Oração de um Obreiro

Paí, nós, que possuímos Tua verdade para o tempo presente,

Rogamos-Te que faças a verdade possuir-nos.

Ajuda-nos a compreender plenamente que podemos bater às portas,

Mas que unicamente Tu podes abrir corações.

Faze-nos saber que, embora possamos levar o evangelho

Às pessoas,

És Tu que tens de levar as pessoas

A aceitar o evangelho.

Mantém êste pensamento sempre diante de nós,

Para que sejamos capazes de introduzir a verdade na mente —

Sòmente Tu, porém, a podes introduzir no coração;

Para que possamos semear a semente —

Sòmente Tu, porém, lhe podes dar vida e crescimento.

Ao nos esforçarmos ardentemente

Para exortar, edificar e convencer,

Ajuda-nos, ó Senhor, a sempre lembrar

Que a conversão provém de Ti.

Paí, concede-nos a graça de encaminhar os perdidos e moribundos

Ao portal da vida,

E ajuda-os a ver constantemente

Que só Tu podes abrir a porta

E iluminá-los ao passar por ela.

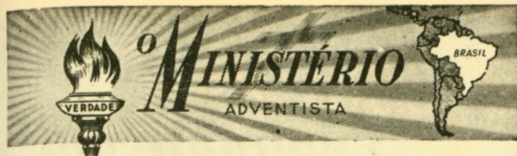
Paí, ao indicarmos aos homens a senda para o Céu,

Ajuda-os a colocar as mãos

Na mão do único Guia

Que pode conduzi-los pelo caminho.

— Thomas A. Davis



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Naor G. Conrado

Colaboradores especiais:
J. J. Aitken e A. E. Schmidt

Brasil

Assinatura Anual Cr\$ 500,00
Número Avulso Cr\$ 85,00

Estrangeiro

Assinatura Anual US\$ 2,00
Número Avulso US\$ 0,35



Ano 30

Nº. 3

NESTE NÚMERO

CAPA: © A. Devaney, Inc., N. Y.

Oração de um Obreiro 2

ILUSTRAÇÕES

O Perigo dos Pecados Pequenos 3
Fonte Inesgotável 3
Três Mulheres Humildes 3

EDITORIAL

O Evangelismo Pessoal 4

ARTIGOS GERAIS

Princípios para Obter Decisões Pessoais 5
A Presciência Divina — II 10
A Arte do Evangelismo Pessoal 13

OBRA PASTORAL

Todos os Membros da Igreja no Trabalho 15

PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA

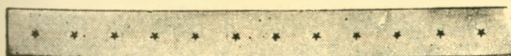
As Atitudes do Vaticano para com a Reforma
do Calendário 17

PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA

Quem Constitui Babilônia? 22

NOTÍCIAS — DA IMPRENSA

..... 24



Ilustrações

O Perigo dos Pecados Pequenos

HÁ uns trinta anos, um naturalista francês trouxe algumas polilhas aos Estados Unidos, com o propósito de realizar certas experiências científicas. Várias dessas traças escaparam. Se houvessem sido agarradas duma vez, facilmente poderiam ter sido destruídas, mas as autoridades do Estado adiaram a questão durante trinta anos. Até o presente, essas polilhas custaram ao Estado de Massachusetts a soma de 700.000 dólares.

Fonte Inesgotável

DURANTE as escavações realizadas em Pompéia, um dos trabalhadores descobriu antiga fonte de água. Por séculos ficara coberta pelas lavas do vulcão, mas no momento em que foi aberta, brotou tão fresca e copiosa como antes. Assim é a Palavra de Deus. Pode haver estado oculta, sepultada, sem produzir bênção, sem refrigerar. No momento, porém, em que é aberta outra vez, e sua mensagem é recebida no coração, refrigera e reanima.

Três Mulheres Humildes

FAZ muitos anos, três mulheres conversavam à entrada duma residência de certa rua de Bedford, Inglaterra. Falavam a respeito de Deus e de como Ele as havia salvado por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, de como gozavam agora de felicidade e paz.

Tão entretidas estavam na conversação, que não notaram que um homem se aproximava mais e mais até poder ouvir o que falavam. O desconhecido viu que estas mulheres humildes possuíam algo real e sublime que ele não tinha, algo que nunca havia conhecido e experimentado. Jamais olvidou o que havia ouvido. Abandonou desde esse dia suas antigas companhias de pessoas ímpias e pôs-se a buscar o tesouro espiritual que aquelas simples senhoras possuíam. Esse homem era Bunyan, que mais tarde seria o autor do Livro *O Peregrino*, interessante alegoria da vida cristã. Quem eram aquelas mulheres? Ninguém lhes sabia o nome. Eram simplesmente umas mulheres cristãs que davam testemunho, que deixavam brilhar sua luz perante o mundo. — *El Pastor Evangélico apud El Ministerio Adventista.*



O Evangelismo Pessoal

ENOCH DE OLIVEIRA

EM nossos dias tôdas as tendências e realizações são medidas através de cálculos estatísticos. Conseqüentemente, quando pensamos em evangelismo, imediatamente somos tentados a pensar em números. "Quantos estão assistindo às conferências?", perguntamos ao evangelista. "Quantos estão agora guardando o sábado?", continuamos interrogando. Esta preocupação quantitativa tem sido responsável pelo destaque exagerado que muitas vezes damos ao evangelista das massas, em detrimento do evangelismo pessoal.

Certa vez o presidente de uma Associação sofria do mal das estatísticas — enfermidade que a todos nos contagia — e interrogou um dos seus evangelistas: "Quantas decisões logrou o irmão alcançar em sua série de conferências?" O evangelista replicou: "Em minha última cruzada, consegui 86 decisões." Sem conseguir ocultar a sua grande surpresa, o presidente voltou ao escritório da Associação e consultando no arquivo, a lista de membros batizados, encontrou que somente duas pessoas se haviam batizado.

Isto fê-lo retornar à presença do evangelista dizendo: "O irmão declarou que obteve 86 decisões, porém de acordo com os nossos registros, na Associação, somente duas almas passaram pela experiência do batismo." Com um espontâneo sorriso, o evangelista esclareceu o enigma: "Evidentemente, segui 86 decisões, das quais 2 foram em favor de Cristo, e 84 contra."

Por que muitos de nós falhamos na arte de lograr decisões por Cristo? Hemos estado tão ocupados em nosso evangelismo público, que não mais encontramos tempo para o evangelismo pessoal. Hemos nos aperfeiçoado na arte de pregar e pouco sabemos sobre a ciência que existe na obra de coração a coração. Sabemos como reunir um numeroso público em nossas reuniões, mas desconhecemos o potencial que existe no evangelismo de casa em casa.

De uns tempos a esta parte os Seminários

passaram a introduzir a Psicologia Pastoral em seu curriculum de estudos. Fascinados com este novo campo de investigações, alguns jovens ministros estão abandonando os métodos tradicionais de trabalho, substituindo-os pela Clínica Pastoral. Negligenciando a obra de porta em porta, aguardam agora, em confortáveis gabinetes pastorais, a visita da ovelha ferida ou tremalhada, em busca de ajuda e orientação espiritual. E assim desaparece a legendária figura bíblica do pastor que, com admirável estoicismo, através de caminhos cheios de surpresas e perigos, procura a ovelha errante até encontrá-la.

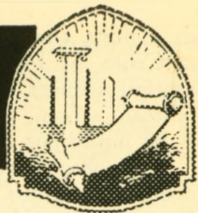
Quando seguimos os passos de Jesus através de Seu Ministério, neste mundo, encontramos que Ele reunia todos os qualificativos de um Bom Pastor. É certo que algumas vezes Ele se dirigia às massas e as comovia com a Sua pregação poderosa. Porém, a maior parte do Seu trabalho foi feito com indivíduos.

Ao se dirigir à casa de Jairo, tendo como companhia uma bulhenta multidão, d'Ele se aproximou furtivamente uma desventurada mulher, para, num memorável ato de fé, tocar na orla de Seu vestido. Imediatamente, Jesus, como que olvidando toda a multidão, concentrou o Seu interesse naquela infeliz mulher, e sobre ela derramou a virtude de Seu amor.

No vale de Siquém, junto ao lendário poço de Jacó, Ele aguardou pacientemente a oportunidade de ganhar uma alma. Quando a pecadora de Samaria chegou com o seu cântaro em busca de água, Jesus a conduziu ao manancial divino, e lhe deu de beber.

Em uma entrevista pessoal com Nicodemos, honrado membro do conselho nacional, "Jesus desdobrou o plano da Salvação, e Sua missão no mundo. Em nenhum de Seus posteriores discursos explicou tão plenamente, passo por passo, a obra necessária ao coração de todo aquele que quisesse herdar o reino do Céu." — D. T. N., pág. 125.

(Continua na pág. 9)



Princípios para Obter Decisões Pessoais

R. A. ANDERSON

(Secretário da Associação Ministerial da Ass. Geral)



sim se expressa: "Advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em tôda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo." Col. 1:28. A visitação pessoal desempenhou uma extensa parte em seu programa evangelístico. Noutro lugar menciona êle: "Jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa, e de vo-la ensinar públicamente e também de casa em casa". Atos 20:20. A apresentação pública apenas abre o caminho para o trabalho pessoal.

Ouvi um experiente evangelista perguntar a um grupo de ministros: "Se vos fôsse dito que teríeis de perder um olho, e vos fôsse permitido escolher com qual gostaríeis de ficar, com qual ficaríeis, considerando que a vista era boa em ambos?" Os pregadores pensaram um pouco e então admitiram que não saberiam qual entregar. Precisavam de ambos os olhos. "É natural que preciséis de ambos — disse êle — pois um olho é tão importante como o outro. Cada um auxilia o outro. São dois olhos mas vêem uma só coisa. Agora, deixemos que êsses dois olhos representem os dois aspectos do evangelismo — evangelismo público e o pessoal. Ambos são iguais e ambos são necessários. Cada um dêles depende do outro. O evangelismo público traz convicção. O evangelismo pessoal produz decisão."

Quão verdadeiro! O ministério público é mais geral. O ministério pessoal é mais específico. Na igreja as pessoas atendem o pregador. No lar o pregador atende às pessoas. Êle mudou sua esfera de ação, mas não sua missão. Sua assistência é menor mas sua ocupação é a mesma.

Evangelismo Pessoal — A Verdadeira Prova do Ministério de Êxito

Essa visitação pessoal, porém, não é fácil. Talvez seja por isso que tão poucos gostam de fazê-la. Onde há uma dúzia de pregadores preparados para enfrentar uma multidão, haverá apenas um que se sentirá realmente à vontade no lar. Muitos apreciam pescar com a rêde, mas relutam em pescar com a linha. A responsabilidade do pastor-evangelista, porém, é tanto no lar como no púlpito; tanto pela "ovelha perdida" como pelas "noventa e nove" do aprisco. E é para encontrar essa ovelha perdida que êle foi enviado. As pessoas geralmente não estão perdidas na igreja. Espinhos e cardos não se encontram nas naveas da igreja. Mas muitas, muitas pessoas estão perdidas em seus lares, e é aí que devemos buscá-las.

A Aproximação Pessoal de Natã

Durante algum tempo Davi foi um homem perdido, mesmo ocupando o trono. Mas graças a Deus, houve alguém que estêve disposto a enfrentá-lo a sós. Foi necessário um bocado de coragem da parte de Natã para encarar o rei bem nos olhos e dizer: "Tu és êste homem". Essa franqueza, porém, salvou uma alma. Isso foi evangelismo pessoal por excelência. E a aproximação de Natã é digna de estudo. Foi psicologicamente correta. Êle elaborou uma parábola e fê-la o veículo de sua mensagem. A parábola transmitiu-lhe o pensamento duma maneira mais dócil e impressiva. Por mais poder que êste profeta tivesse como pregador, o notável incidente em seu ministério, pelo qual é particularmente lembrado, é êsse apêlo pessoal. E êle estava sozinho com o rei quando lutou por sua alma.

Não importa quão eloqüente o ministro seja no púlpito, sua obra sempre será fraca, a não ser que possa assentar-se calmamente ao lado

de alguma alma em necessidade e ganhá-la para Cristo. Se fôsse dedicado menos tempo para proferir sermões e mais tempo para o ministério pessoal, seriam vistos resultados bem maiores. E há muito por fazer.

“Os pobres devem ser socorridos, cuidados os doentes, os aflitos e os que sofreram perdas confortados, instruídos os ignorantes e os inexperientes aconselhados. Cumpre-nos chorar com os que choram, e alegrar-nos com os que se alegram. Aliada ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra não há de, não pode ficar sem frutos.” (1)

“Não é o pregar o mais importante; é o trabalho feito de casa em casa, raciocinando sobre a Palavra, explicando-a. São os obreiros que seguem os métodos de Cristo, que hão de conquistar almas para sua recompensa.” (2)

Lembramo-nos de que Jesus estava visitando um lar quando disse: “Hoje veio a salvação a esta casa”. E Ele foi o perfeito exemplo de um evangelista pessoal. Dezenove vezes no relato evangélico nós O encontramos tratando com uma pessoa. De fato, algumas das maiores verdades que Ele proferiu foram ditas a uma só pessoa. Dirigia as circunstâncias de tal maneira que pudesse estar a sós com os indivíduos. Nicodemos foi ter com Ele de noite, devido a temer o povo. Sua esposa, seus amigos, o círculo social de Jerusalém, ter-lhe-iam causado dificuldades se soubessem que falava com Jesus. Assim, sob o manto da escuridão, saiu de modo despercebido para estar a sós com o Mestre. Hoje há muitos como Nicodemos. Precisam da ajuda individual do evangelista pessoal. Ganhar almas não pode ser feito por procuração; tem de ser feito por proximidade.

“Se metade do tempo agora usado em pregação, fôsse dado ao trabalho de casa em casa, ver-se-iam resultados favoráveis. Efetuar-se-ia muito bem, pois os obreiros poderiam entrar em íntimo contato com o povo. O tempo passado a visitar discretamente as famílias e, quando entre elas, a falar a Deus em oração, entoar-Lhe louvores e explicar Sua Palavra, fará muitas vezes mais benefício do que uma série de conferências públicas. Muitas vezes a mente é impressionada com força dez vezes maior por apelos pessoais do que por qualquer outra espécie de trabalho.” (3)

“Sendo sociáveis e aproximando-vos bem do povo, podereis mudar-lhes a direção dos pensamentos muito mais facilmente do que pelos mais bem feitos discursos. A apresentação de Cristo em família, e em pequenas reuniões em casas particulares, é muitas vezes mais bem sucedida em atrair almas para Jesus, do que sermões feitos ao ar livre, às turbas em movimento, ou mesmo em salões e igrejas.” (4)

Quando os componentes duma equipe evange-

lística estão trabalhando juntos, a responsabilidade especial de alguns dos membros dessa equipe será estudar as Escrituras nos lares das pessoas. Naturalmente alguns despenderão mais tempo nesta obra do que outros, contudo cada membro da equipe deveria tomar parte nela, pois isso é evangelismo pessoal que realmente produz resultados.

“Quando as grandes multidões se apinhavam em torno do Salvador, Ele costumava dar instruções aos discípulos e às massas. Então, depois do discurso, os discípulos misturavam-se com o povo, repetindo-lhes o que Cristo dissera. Muitas vezes os ouvintes haviam aplicado mal as palavras de Cristo, e os discípulos lhes diziam o que declaravam as Escrituras, e o que Cristo havia ensinado que elas diziam.” (5)

Lares serão abertos para o estudo regular da Bíblia, e isto continuará durante muitas semanas ou meses. Quando, porém, houver chegado o tempo para a decisão, se o evangelista que primeiro despertou o interesse por meio de sua apresentação pública, fôr ao lar junto com o instrutor bíblico, isto terá muita influência para conduzir essa alma através do novo nascimento.

A relação do médico para com a enfermeira é uma boa ilustração. Quando chega o tempo de a pequenina vida ser trazida ao mundo, a enfermeira que durante meses esteve cuidando dessa futura mãe chegará com o médico, e juntos trarão essa pequenina vida ao mundo. Cada nascimento é uma crise, e requer cuidado pessoal e profissional. A responsabilidade do médico é ver que a pequenina vida tenha sido bem encaminhada na estrada da vida. Assim, o instrutor bíblico que conhece a arte do evangelismo pessoal, se possível, tomará providências para que o evangelista esteja presente na ocasião em que a alma está renascendo no Reino. A maioria de nós viemos ao mundo isoladamente, mas às vezes aparecem gêmeos na família. Do mesmo modo, a maioria das decisões por Cristo são individuais, todavia às vezes todos os membros de uma família tomarão a resolução juntos. Isso, porém, não é comum, e mesmo assim cada um deles deve receber atenção pessoal. E, como o médico, o evangelista deve ver que cada converso esteja bem encaminhado na vereda para o Céu.

Decisões Progressivas

O indivíduo que finalmente se apresenta para o batismo terá tomado muitas decisões ao longo da senda de preparação. Não somente resolveu seguir a Cristo, mas essa decisão significou a remoção da escória dos hábitos mundanos. E isso não foi fácil. Ele está ciente do poder do inimigo, pois cada centímetro de terreno foi disputado pelo príncipe deste mundo. Quão amíde teve o evangelista de ficar-lhe ao lado

na hora do conflito espiritual. Em cada nova batalha, foi o trabalho pessoal que o fez atravessá-la. Obter vitória sobre os vícios frequentemente exige o desempenho de tôdas as forças físicas, mentais e espirituais que o indivíduo possa reunir. Encontrar nôvo emprêgo em que se possa obedecer a Deus é muitas vêzes uma prova, mas de modo algum idêntica àquela por que alguns passam ao abandonarem o álcool e o fumo.

Bem me lembro de como passámos tôda uma noite com um pobre homem, subindo e descendo as ruas duma grande cidade, falando e orando com essa pobre vítima do vício, e aconselhando-a. Esse indivíduo encontrava-se sob as funestas garras do vício de beber, e estava desesperado. Alguém teria de ajudá-lo nessa crise. A decisão veio no fim, enquanto nos achávamos de joelhos. Se vós o tivésseis visto na igreja, alguns meses mais tarde, com o semblante iluminado pela vitória que alcançara, jamais imaginariéis a luta getsemânica por que passara naquela terrível noite. Pouco depois estava assumindo responsabilidades na igreja. Foi o evangelismo pessoal efetuado nas duras calçadas das ruas da cidade que o levou a vencer.

Um jovem bateu à porta de minha residência, ao anoitecer. Quando abri a porta, disse êle:

— É o pastor Anderson?

— Sim, respondi.

Então duma maneira muito deliberada, declarou êle:

— Vim pedir-lhe que desaconselhe minha irmã de assistir às vossas reuniões. Ela tem sua própria igreja e não precisa da vossa.

Foi áspero assim. Mas, sorrindo, convidei-o a entrar e sugeri que conversássemos sobre o problema. Sentamo-nos perto de uma lareira acesa. Era inverno, e na Nova Zelândia faz frio no mês de julho. Palestramos um pouco, e fiquei sabendo muita coisa acêrca dêle. Era mecânico e competidor de corridas de motocicleta. Como muitos de seu tipo, entremeava suas frases de algumas expressões um tanto vivas. Era, contudo, mais do que mecânico; dirigia uma classe bíblica para meninos, na igreja situada um pouco mais para baixo. Olhei para as mãos dêle, profundamente manchadas pela nicotina, e em seguida disse-lhe:

— João, que é que você ensina aos meninos de sua classe?

— Bem, ensino-lhes o evangelho, replicou êle.

— Mas conhece você o poder do evangelho em sua própria vida? perguntei-lhe.

— Penso que sim, respondeu.

Apontando-lhe para os dedos, inquiri calmamente:

— Então, que significam essas manchas?

— Oh, no trabalho que tenho eu ficaria louco se não fumasse, disse o rapaz.

Assim deixámos de lado o assunto sobre a irmã dêle e começámos a considerar seu próprio problema pessoal. Conduziu a um estudo sobre santificação. Antes de terminarmos, êle estava em lágrimas. Entregou o coração a Deus. Retirando do bôlso os cigarros e os fósforos, atirou-os no fogo, como uma verdadeira oferta queimada ao Senhor. Foi uma noite de vitória. A luta, porém, foi terrível. Depois disso êle vinha à minha casa tôdas as segundas-feiras à noite, com sua irmã e outras pessoas. Estudávamos a Bíblia juntos. Certa noite, ao levantar-se êle para dizer adeus, declarei-lhe:

— João, desejo falar com você em particular.

Fomos para outro quarto, e então, fitando-o bem nos olhos, eu disse:

— Filho, você está fumando outra vez.

Êle enrubescceu, abaixou a cabeça e perguntou:

— Como o senhor sabe?

Afirmei-lhe que o notei por sua atitude. Êle era um indivíduo audaz, mas os olhos se lhe encheram de lágrimas ao declarar:

— Pastor, não consigo obter a vitória. Comecei a fumar de nôvo há duas semanas. Esperava que ninguém o viesse a saber.

Bem, fizemos um plano. Pelo poder da oração dominariámos o inimigo. O rapaz passava todo dia por minha casa, ao ir para o trabalho. Assim combinamos que êle se detivesse aqui, todos os dias, às 7:30 da manhã, ao meio-dia e às 5:30 da tarde. Iríamos recorrer ao Senhor em busca de vitória. Não me foi fácil organizar as coisas para estar presente nessas horas, pois havia muitos outros compromissos urgentes. Eu efetuava uma grande campanha evangelística na cidade, mas a salvação dêste jovem estava em perigo. Três vêzes por dia, durante os três meses seguintes, ajoelhei-me em oração com êste môço. E o poder da oração quebrou a cadeia do vício. Êle e suas duas irmãs mais tarde foram ao nosso colégio e se tornaram obreiros na causa de Deus. Mas foi o evangelismo pessoal do estudo da Bíblia e da oração, que o tornou vencedor em Cristo Jesus.

“A influência pessoal é um poder. Quanto mais direto fôr nosso trabalho por nossos semelhantes, tanto maior o benefício realizado. . . . Deveis entrar em íntimo contato com aquêles por quem trabalhai, para que, não somente vos ouçam a voz, mas vos apertem a mão, aprendam vossos princípios, e sintam vossa simpatia.”(6)

Em seu excelente livro, *The Bible Instructor* (O Instrutor Bíblico), Louise C. Kleuser expõe os verdadeiros princípios do evangelismo pessoal. Parece haver pouca necessidade de acrescentar-se algo, tão completamente abrangeu ela o assunto. E é por experiência própria que a Srta. Kleuser fala ao dizer:

“O instrutor bíblico é a ferramenta que o

Senhor usa para cultivar o solo em que o evangelista plantou a semente. Mas unicamente Deus pode fazer a planta produzir fruto. Só Ele pode mudar o coração; só Ele pode levar a alma à decisão. Se o obreiro permanecer ligado a esta Fonte de todo poder, se estiver disposto a ser um instrumento na mão de Deus, então o Senhor poderá usá-lo eficazmente para conduzir almas a Cristo." (7)

As páginas 72 e 73 dêsse interessante livro, encontra-se uma admirável análise de todo o assunto. Baseia-se no livro *Evangelismo*. São mencionadas interessantes ocorrências para estudo e são expostos princípios vitais. Cada pastor-evangelista será recompensado por estudar cuidadosamente êstes princípios. Sob os títulos que seguem abaixo estão agrupados mais de cinqüenta assuntos.

Trabalho Pessoal na Terminação da Mensagem
Ilustrações de Trabalho Pessoal
Encontrando Acesso ao Coração
Trabalho Pessoal e Estudo da Bíblia

Sete Princípios Para Assegurar Decisões

Consideremos agora sete princípios definidos que precisam ser observados, se se deseja ter êxito na conquista pessoal de almas. São êstes:

Primeiro: Sêde Agradáveis. Considerai os aspectos da verdade sôbre que podeis concordar. Assim estabeleceréis confiança. "Se o obreiro mantém o coração alçado em oração, Deus o ajudará a dizer a palavra oportuna a seu tempo." (8)

"Concordai com o povo em todos os pontos em que podeis coerentemente assim fazer." (9)

Segundo: Sêde vigilantes. Observai as indicações que revelam o curso dos pensamentos. Ajudai o indivíduo a formar suas próprias conclusões. Lembrai-vos de que estais construindo uma ponte, pelo que assentai uma coluna de cada vez.

"Sôbre o ministro pesa a sagrada responsabilidade de vigiar pelas almas como quem deve prestar contas. Deve interessar-se nas almas pelas quais trabalha, descobrindo tudo o que as confunde e aflige e as impede de andar na luz da verdade." (10)

Terceiro: Sêde diretos. Dirigi-vos diretamente a vosso objetivo. Evitai qualquer circunlocação. Encaminhai o pensamento da pessoa progressivamente para o alvo. Mas não avanceis depressa demais.

"O segredo de nosso êxito e poder como povo que defende uma verdade superior estará em fazer apelos diretos e pessoais aos interessados." (11)

"São feitos convites gerais; mas não suficientes convites definidos e pessoais. Se mais apelos

pessoais fôsem feitos, far-se-iam mais movimentos decisivos para seguir a Cristo." (12)

"Em muitas ocasiões as mentes são impressionadas com dez vêzes mais intensidade por apelos pessoais do que por outra espécie de trabalho." (13)

Quarto: Sêde bondosos e corteses. Lembrai-vos de que Jesus sempre foi cortês. Jamais proferiu alguma palavra indelicada. Cada manhã Lhe era dada a língua de um erudito. (Isa. 50:4.)

"Sabia 'dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado'; pois nos lábios Lhe era derramada graça, a fim de que transmitisse aos homens, pela mais atrativa maneira, os tesouros da verdade." (14)

"Ponde no que dizeis o espírito e a vida de Cristo." (15)

"Ponhamos na voz tôda a ternura e amor cristãos possíveis." (16)

Quinto: Nunca discutais. É possível ganhar a argumentação e perder o indivíduo. O bom vendedor jamais discute. E o evangelista deve ser um bom vendedor.

"Satanás sempre está procurando produzir efeitos, mediante rudes e violentos ataques; mas Jesus encontrou acesso às mentes, por meio de suas mais familiares associações. Ele perturbava o menos possível, sua costumeira corrente de pensamentos." (17)

Sexto: Enfrentai as objeções com as Escrituras. Jesus enfrentou os argumentos dos fariseus e as tentações do diabo, citando a Palavra de Deus. A todo desafio podia responder: "Está escrito". E nossa fôrça estará onde se encontra a do Salvador.

"Cada uma das objeções pode ser enfrentada com um 'Assim diz o Senhor'." (18)

As histórias bíblicas constituem uma admirável base para apelar ao coração. Quando Rebeca se defrontou com sua real decisão, de um lado ouviu o chamado de Deus, e do outro, sentiu a natural atração do lar. Foi um momento culminante em sua vida e a decisão a ser tomada não era fácil. Mas afinal ela disse corajosamente: "Irei". Essa decisão introduziu-a na linhagem real.

Sétimo: Fazei a pergunta certa. Quando uma pessoa foi preparada pelo estudo da Bíblia e pela oração, e chegou ao ponto em que acho que está pronta para tomar uma decisão sensata, faço-lhe três perguntas importantes. E se forem formuladas na ordem certa, geralmente trazem a resposta exata.

1. "Por certo o senhor crê que esta é a mensagem de Deus para o mundo, não é mesmo?" Ao responder êle afirmativamente, podeis dizer: "Sim, eu sabia que o senhor cria isso." No

entanto, não vos demoreis a considerar isso, mas passai lentamente para a próxima pergunta.

2. "E algum dia o senhor pretende aceitá-la definitivamente, não é assim?"

Novamente, se obtiverdes uma resposta afirmativa, passai para a última pergunta. Dizei algo como isto:

3. "Agora, tenho apenas mais uma pergunta a fazer — QUANDO?"

Havendo feito essa pergunta de vida ou morte, fitai a pessoa bem nos olhos e esperai a resposta. Não mencioneis nada mais, apenas esperai — enquanto elevais o coração a Deus, suplicando que Ele dê ao indivíduo a coragem de que necessita. Frequentemente a alma passará por autêntica luta. E o silêncio torna mais real a "calma e quieta voz" do Espírito.

Se a resposta fôr "AGORA", pegai-lhe a mão e dizei: "Louvado seja Deus por isso. Essa decisão traz alegria aos anjos." Imediatamente sugeri ajoelhar-vos em oração para confirmar a decisão. É bom insistir que essa alma que se decidiu por Cristo ore por si mesma. Se estiver muito embaraçada ou nervosa, fazei-a repetir as palavras que proferirdes. Mas tende o cuidado de torná-las a oração daquela pessoa.

Cumpra lembrar que essa última pergunta nunca deve ser feita antes que se tenha pôsto o fundamento certo; antes que sejais impressionados pelo Espírito Santo de que "agora é o tempo aceitável, agora é o dia da salvação", para essa alma particular.

Os corações são conquistados, não por argumento, mas por amor. Às vêzes é possível vencer a resistência de alguém por argumento, mas os corações não são levados a Deus por êsse método. Um bloco de gelo pode ser despedaçado por um golpe de martelo, mas os pedaços continuam a ser gelo. Ponde-os sob os tédipos raios do Sol, e êles logo desaparecerão.

Procurai nunca sair dum lar sem fazer oração. Talvez nem sempre seja necessário ou prudente ajoelhar-se, mas uma simples prece feita com sinceridade significará muito. Nada comoverá mais o coração do que o espírito de oração e o amor de Jesus.

"Apresentai a Jesus. . . Deixai que Seu amor enternecedor, Sua graça preciosa jorrem dos lábios humanos. . . Tomai. . . a Palavra e, num terno, anelante amor pelas almas, mostrai-lhes a preciosa justiça de Cristo, a quem vós e elas precisais ir para vos salvar." (19)

"Se tão-sòmente nos humilhássemos diante de Deus, e fôssemos bondosos, corteses, compassivos e piedosos, haveria cem conversões para a verdade onde agora há apenas uma." (20) — *The Shepherd - Evangelist*.

3. *Evangelismo*, págs. 463 e 464.
4. *Obreiros Evangélicos*, pág. 193.
5. *Idem*, pág. 408.
6. *Evangelismo*, págs. 438 e 439.
7. *The Bible Instructor*, pág. 71.
8. *Obreiros Evangélicos*, pág. 120
9. *Evangelismo*, pág. 141.
10. *Obreiros Evangélicos*, págs. 190 e 191.
11. White, em *Review and Herald*, 30 de agosto de 1892, pág. 545.
12. *Idem*, 15 de agosto de 1899, pág. 518.
13. White, Carta 95, 1896.
14. *O Desejado de Todas as Nações*, (3ª ed.), pág. 183.
15. *Evangelismo*, pág. 175.
16. *Idem*, pág. 174.
17. *Idem*, pág. 140.
18. White, Carta 95, 1896.
19. *Evangelismo*, pág. 442.
20. *Testimonies for the Church*, Vol. 9, pág. 189.

O Evangelismo Pessoal

(Continuação da pág. 4)

Por tôda a parte, e em todos os momentos, estava sempre atento ao clamor débil de uma ovelha cansada e errante. Mesmo quando pendia sobre a oprobriosa cruz, torturado pelas dores intensas de um impiedoso martírio, encontrou tempo e forças para estender a mão e resgatar um pobre ladrão das garras da condenação.

Quando analisamos a História da Igreja no primeiro século, encontramos que os seus grandes e consagradores triunfos foram alcançados através de um incansável evangelismo pessoal.

No registro dos Atos dos Apóstolos, encontramos Filipe dirigindo-se ao deserto. Por que se apressa tanto? A sua preocupação é alcançar o carro do mordomo-mór de Candace, e pregar-lhe o evangelho. O trabalho é urgente e a oportunidade imposterável. Dentro de poucos instantes a mensagem é apresentada e o superintendente dos tesouros da Etiópia aceita o evangelho da redenção.

Ainda entre as narrativas dos feitos apostólicos, encontramos Paulo e Silas cantando no interior de uma horrenda e escura enxovia. Subitamente os fundamentos da Terra tremem e as portas dos cárceres se abrem. Dominado pelo medo, o carcereiro de Filipo interroga: "Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?" "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa", responderam êles, "e lhe pregaram a palavra, e a todos os que estavam em sua casa." A luz de Deus iluminou aquela casa e o carcereiro e a sua família foram contados entre os cristãos de Filipo.

Esta é a história daqueles agitados e turbulentos dias. No evangelismo pessoal encontramos o segredo de seus destacados triunfos. Não existia então a preocupação da eloquência. Animava-os o desejo de testemunhar. Viviam para servir e o supremo objetivo que os inspirava era levar o evangelho a todos os homens. Nos caminhos e valados, nas praças públicas, de casa em casa, na presença dos magistrados, ou em

1. *Obreiros Evangélicos*, pág. 363.
2. *Idem*, pág. 468.

A Presciência Divina-II

D. A. DELAFIELD

O PROPÓSITO divino da redenção do mundo e felicidade para o Seu universo, realizar-se-á com êxito, por motivo de Sua presciência. Deus é bem capaz de guiar os negócios dos homens e dos anjos, porque sabe de antemão o que vai acontecer. Pensemos na experiência de Cristo, quando na Terra, como homem. A notável presciência do Cristo terrestre foi motivada pelas visões que Lhe eram concedidas quando em oração, como por exemplo no deserto da tentação, após Seu batismo. Foi Ele de fato o Profeta, em cumprimento de Deut. 18:18. (Ver também Núm. 18:6.) Era Ele um verdadeiro vidente.

Quando no deserto, Cristo jejuou, mas era insensível à fome. *Empenhado em constante oração ao Pai, a fim de que estivesse preparado para resistir ao adversário, Cristo não sentiu o tormento da fome. Passou o tempo em fervorosa oração, isolado com Deus. Era como se estivesse em presença do Pai. . . Viu Ele o rompimento do poder de Satanás sobre os homens caídos e tentados. Viu-Se a Si mesmo curando os doentes, confortando os descoraçoados, animando os desalentados, e pregando o evangelho aos pobres — fazendo a obra que Deus para Ele esboçara; e não Se apercebeu de nenhuma sensação de fome antes que terminassem os quarenta dias de jejum.*

Passou a visão, e então, com forte anelo, a natureza humana de Cristo exigia alimento. Era agora a oportunidade de Satanás assaltá-Lo. Resolveu aparecer como um dos anjos de luz que haviam aparecido em Sua visão.— *SDA Bible Commentary*, Comentários de Ellen G. White, sobre S. Mat. 4:1, pág. 1080. (Grifo nosso.)

Em visão profética Deus revelou a Cristo cenas, no desdobramento do drama de Sua vida e paixão, preparando-O para as provas. É esta uma verdade significativa, e explica a notável presciência do Cristo humano, que recebeu de Deus conhecimento para estar preparado para as eventualidades de Seu ministério público. Talvez desta maneira Deus Lhe revelasse a tríplice negação de Pedro e a traição de Judas. (Ver também Salmo 41:9.)

qualquer outro lugar onde encontravam um ouvido atento, ou um coração desejoso de Cristo, eles proclamavam as boas-novas da Salvação. E como resultado "o Senhor acrescentava cada dia à igreja, os que haviam de se salvar".

Hemos experimentado, em nossos dias, muitos métodos, na obra de salvar os perdidos. Porém, nenhum deles substitui a obra de casa em casa, o evangelismo de coração a coração. Foi através da obra pessoal que a igreja cristã primitiva alcançou os seus grandes lauréis. E será, principalmente, através deste método que, nestes últimos dias, haveremos de avançar em rápidas e vitoriosas conquistas.

É impossível manter escriturísticamente a alegação de que Deus não tenha específica presciência de determinados pecados. Há muita prova em contrário. Pensemos nos israelitas nos dias de Samuel. O Senhor dissera a Israel que viria o tempo em que pediriam um rei (Deut. 17:14). Veio êsse tempo. Receberam o seu rei, mas perderam a intuição da bênção de Deus. Os filhos de Israel arrependeram-se dêsse determinado pecado e clamaram: "A todos os nossos pecados acrescentamos o mal de pedir para nós um rei." I Sam. 12:19. (Ver *Vereda de Cristo*, primeiras págs. do capítulo "Confissão.") O seguinte comentário de *SDA Bible Commentary* vem bem a propósito:

O reino de Deus fundamenta-se no princípio do livre arbítrio. O fato de que Deus conhece o fim desde o princípio, de modo algum limita o homem em relação a suas próprias decisões (ver *Educação*, pág. 178). Quando Deus revelou ao povo, antes de entrarem na Palestina, que viria o tempo em que pediriam um rei (Deut. 17:14), não expressava Ele Sua vontade no caso, mas apenas lhes desdobrava o rumo que os acontecimentos tomariam.— *Sobre I Sam. 12:11.*

Ainda, em I Sam. 2:34 o Senhor predisse a morte de Hofni e Finéias, filhos de Eli, homens ímpios que faziam coisas perversas. O Senhor advertiu-os dos resultados de seu mau procedimento. "Ser-te-á [a Eli] por sinal, o que sobrevirá a teus dois filhos, a Hofni e Finéias: ambos morrerão no mesmo dia." I Sam. 2:34. Mas os dois presunçosos pecadores passaram por alto a palavra do Senhor. Aí está uma prova de como a presciência de Deus — revelada a seres humanos e por eles compreendida — não lhes afetou a conduta. O homem incorrigível fará ainda o que lhe apraz. Notemos o comentário seguinte, acêrca dos filhos de Eli:

Como Hofni e Finéias haviam tratado com violência as coisas do Senhor, deviam ter morte violenta. Esperando fazê-los volver-se de seu mau procedimento, Deus por um momento descerrou a cortina do futuro. Seria natural esperar que, quando os filhos ouvissem esta profecia, mudassem de vida, a fim de evitar a má colheita. Fazendo essa profecia, Deus simplesmente previu sua condenação — não a predestinou. Aquêlê que conhece o fim desde o princípio, sabe tudo que afeta o exercício do livre arbítrio. Advertindo os indivíduos acêrca do que o futuro lhes reserva, Deus prova ao universo que os homens por sua livre escolha, vão tão longe que mesmo êsse conhecimento não os detém.— *Idem, sobre I Sam. 2:34.*

Jesus tornou claro êste ponto na parábola do rico e Lázaro quando, em resposta ao suplicante pedido do rico, de enviar Lázaro a seus irmãos, instando com eles para que se arrependessem, escapando assim aos fogos do inferno, Jesus respondeu que não se arrependeriam mesmo se ressurgisse alguém dentre os mortos e lhes pregasse (S. Luc. 16.)

O Ponto de Vista Adventista

A posição mantida pelos adventistas acêrca da presciência de Deus exprime-se no trecho seguinte:

Deus prevê porque é onisciente, isto é, sabe tôdas as coisas. DELE afirmam as Escrituras: "Tôdas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos d'Aquêle a quem temos de prestar contas" (Heb. 4:13); "desde o principio anuncio o que há de acontecer" (Isa. 46:10). . . . O passado, o presente e o futuro são todos por Ele igualmente conhecidos. Coisa alguma senão o conhecimento absoluto, satisfaria ao nosso conceito fundamental da perfeição de Deus. Por isso que conhece o futuro, Ele jamais é apanhado de surpresa. A apostasia de Satanás e a queda do homem foram ambas previstas por Ele, e tomou providências para satisfazer a emergência. (I S. Ped. 1:20; Apoc. 13:8; *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 22.) A profecia preditiva é a suprema prova de Sua presciência. A profecia prediz aquilo que a presciência de Deus viu que havia de ser (ver EGW, RH 13 de nov., 1900). Os acontecimentos preditos não se realizam por isso que foram previstos; êles são previstos por isso que hão de se cumprir. Esta verdade foi bem expressa por Milton que, comentando a queda de Satanás e seus anjos, põe na boca de Deus estas palavras:

"Minha presciência vê como presentes
Quantos sucessos no porvir se envolvem;
Dêles porém nenhum dela depende:
De maneira que, se eu a não possuísse,
Sempre tais quais existiriam êles.
Sem coação, pois, sem sombras de destino,
Sem força alguma que de Mim emane,
Transgrediram." — *O Paraíso Perdido*, Canto III, linhas 161 e seguintes, Tradução portuguesa do Dr. Lima Leitão. — *Idem*, sôbre Rom. 8:29.

Em relação com isto o *Commentary* observa que "a presciência divina e a divina predestinação de modo algum excluem a liberdade humana." — *Ibidem*.

O Conhecimento Total de Deus

Os escritos de Ellen G. White provêem orientação muito proveitosa neste assunto. Idéias correlatas, específicas, são sugeridas em muitas afirmações: Os mais remotos acontecimentos da História passada são conhecidos por Deus. O futuro remoto é por Ele visto com clara visão. Deus previu a apostasia de Satanás e a queda do homem (*O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 22) e também a existência do pecado. Tôdas as ações do homem são como um livro aberto perante os olhos do Senhor. Ele sabe qual será o nosso futuro:

Foi-me mostrado que em casos de enfermidade, em que não houver impedimento algum para que sejam feitas orações em favor do doente, o caso deveria ser confiado ao Senhor com calma e fé, e não com tempestade de excitação. Só Ele é quem conhece a vida passada do individuo, e sabe também o que será o seu futuro. Conhece o coração de todos os homens, sabe se o doente, depois de restabelecido, glorificará Seu nome ou se, pelo seu desvio e apostasia, virá a desonrar a Deus. Tudo que nos compete fazer é pedir-Lhe que restabeleça o doente de conformidade com Sua vontade, e crer que Ele tomará em consideração as razões apresentadas e as orações que a favor do enfermo forem feitas. Se o Senhor vir que o restabelecimento do doente é para Sua glória, atenderá às nossas orações. Insistir, porém, na cura sem conformar-se com Sua vontade, é um êrro. — *Testemunhos Seletos*, Vol. 2, págs. 213 e 214.

Note-se também em *Counsels in Stewardship*, págs. 74 e 75, o seguinte:

Rogo a meus irmãos e irmãs através do mundo, que despertem ao reconhecimento da responsabilidade que sô-

bre êles pesa, de pagar um dízimo fiel. . . . Mantende conta fiel com vosso Criador. Reconhecei plenamente a importância de ser justos com Aquêle que possui divina presciência. Esquadrinhe cada qual, diligentemente, seu coração. Examine suas contas, e veja sua situação em relação a Deus. (Grifo nosso.)

Devemos manter contas fiéis com o nosso Criador quanto ao dízimo, e reconhecer a importância de sermos "justos com Aquêle que possui divina presciência". Isto indica que, retido o dízimo, êsse pecado não é ignorado por Deus.

Armadilha Perigosa

Os que brincam com a doutrina de uma presciência de Deus apenas limitada, caem numa armadilha perigosa. Primeiro, limitam o poder de Deus, roubando-Lhe assim aquela onisciência que tôdas as criaturas finitas esperam Deus possua e exerça. E isto fazendo, aceitam um conceito incorreto do caráter divino e das prerrogativas da Divindade. Privam-no da grandeza que motiva a reverência e o culto. Assim é adversamente afetada tôda a perspectiva da natureza de Deus. O culto dessas pessoas torna-se limitado, segundo as limitações de seu próprio conceito do Senhor. Criam seu próprio Deus — criatura semelhante a êles mesmos.

Em *O Conflito dos Séculos* (Introdução) é-nos dito que Satanás leva os homens a nutrirem um falso conceito de Deus. E na pág. 583 é esclarecido o propósito de Satanás em representar mal a Deus. É claro que o culto e a sincera fidelidade não são possíveis se Deus não é compreendido, ou é representado falsamente.

Deus é infinito em conhecimento.¹ É onisciente.² Coisa alguma é oculta aos olhos de Deus, que tudo vêem.³ Os refolhos da alma humana são-Lhe abertos.⁴ Tôda obra e todo segredo são-Lhe manifestos.⁵ Os motivos e atos enganosos dos homens são discernidos por Deus.⁶ Coisa alguma é demasiado pequena para a atenção de Deus.⁷ É êrro julgar que aquilo que reputamos pequeno ou grande, tem de ser pequeno ou grande para Ele também.⁸ Ele lê os corações e discerne os motivos.⁹ Ele está familiarizado com todo ato realizado na Terra.¹⁰ Ele conhece cada ato da vida dos homens.¹¹ (Ver *Spiritual Gifts*, pág. 49) Ele conhece por nome tôda pessoa,¹² todo segredo da alma;¹³ tudo que acontece em qualquer parte do universo.¹⁴ O mais secreto pensamento do homem é-Lhe conhecido.¹⁵ Coisa alguma ocorre na Terra ou no Céu sem o conhecimento de Deus.¹⁶ Entretanto, há os que consideram a vida um drama cuja conclusão o próprio Senhor desconhece, crendo que o universo se move no escuro, qual trem expresso sem iluminação nem maquinista a dirigi-lo, podendo nós a qualquer momento precipitar-nos no abismo.

Não Especular Quanto às Prerrogativas de Deus

Assim, a doutrina da perfeita presciência de

Deus é revigorante e confortadora, mas não compreendemos perfeitamente este assunto. O intelecto humano pode desgastar-se em conjecturas acêrca de Deus.¹⁷ Não devemos especular acêrca de Deus nem tentar penetrar para além do que se acha revelado em Sua Palavra.¹⁸ Mesmo o mais elevado intelecto não pode compreender a Deus.¹⁹ Ele oculta aos homens, mais do que revela, o que a Ele se refere.²⁰ Não devemos tentar explicar aquilo que não nos foi revelado.²¹ A eternidade não será suficiente para compreendermos tudo a respeito de Deus.²² Não devemos especular quanto às prerrogativas de Deus.²³ Suas prerrogativas são assunto que não ousamos tocar.²⁴

Também é errado pensar que Deus não tem controle sobre Suas próprias Leis ou que a elas esteja sujeito.

Outrossim, ensina a sabedoria mundana que a oração não é essencial. Homens de ciência pretendem que a oração não pode, na verdade, ser atendida; que isto seria uma violação da lei, um milagre, e que os milagres não existem. O universo, dizem eles, é governado por leis fixas, e o próprio Deus nada faz contrário a essas leis. Assim representam a Deus governado por Suas próprias leis, como se a operação das leis divinas pudesse excluir a liberdade de Deus. Tal ensino se opõe ao testemunho das Escrituras. Não foram operados milagres por Cristo e por Seus apóstolos? O mesmo compassivo Salvador vive hoje, e está tão disposto a escutar a oração da fé, como quando andava visivelmente entre os homens. O natural coopera com o sobrenatural. Faz parte do plano de Deus conceder-nos, em resposta à oração da fé, aquilo que Ele não outorgaria se o não pedissemos assim. — *O Conflito dos Séculos*, pág. 525.

Devemos lembrar-nos de que Deus, em Seu trato com os homens, só emprega meios coerentes com a verdade e a justiça.²⁵ Deus não é senhor duro e rigoroso.²⁶ É Deus compassivo, inteligente, e compreensivo, que Se alegra na liberdade individual de Suas criaturas, e em seu amor volitivo e fidelidade. Contudo, é Ele todo-poderoso, e dirige a natureza segundo Lhe apraz.²⁷ Ele ordena aquilo que Sua providência vê ser melhor.²⁸ Por vêzes, quando há necessidade de juízos, impõe Ele uma restrição aos Seus próprios atributos, e adia o juízo.²⁹

À luz da presciência de Deus devemos alegrar-nos, especialmente por isso que nossa liberdade para decidir que caminho seguir através da vida não é enfraquecida pela presciência de Deus.

Com efeito, a presciência de Deus provoca

atos especiais de bondosa providência e avisos para proteger Seus filhos em tempos de iminentes perigos e tentações.

A presciência de Deus confere-Lhe uma vantagem sobre Suas criaturas, mas proporciona-nos uma sensação de alívio, saber que Ele usa para nosso bem esse conhecimento, e não para mal. Assim a presciência é usada de acordo com o caráter de Deus, que é de amor e compaixão.

A onisciência e onipresença de Deus são protetoras, assim como detectoras.

A passagem de Gên. 16:13 ("Tu és Deus que vê") tem sido usada mais no sentido de restrição ao mal, do que como estímulo ao bem. Para o filho do maligno, certamente se adapta o primeiro caso. Deus não deve ser considerado como severo superintendente ou constantemente ameaça, mas antes como alguém que nos compreende, nos ama, e nos ajuda. Sal. 139:17 e 18: "Que preciosos para mim, Senhor, são os Teus pensamentos! E como é grande a soma deles! Se os contasse excedem os grãos de areia; contaria, contaria, sem jamais chegar ao fim." — A. H. Strong, *Systematic Theology*, pág. 284.

Referências

- 1 *The SDA Bible Commentary*, comentários de Ellen G. White, sobre Isa. 40:12-14, pág. 1145.
- 2 Ellen G. White, *Counsels on Stewardship*, pág. 172.
- 3 White, *Mensagens aos Jovens*, pág. 266.
- 4 Idem, *Vereda de Cristo*
- 5 Idem, *Testimonies*, Vol. 4, pág. 646.
- 6 Idem, idem, Vol. 1, pág. 501.
- 7 *The SDA Bible Commentary*, comentários de E. G. White, sobre Jó, todo o cap. 38, pág. 1141; *Vereda de Cristo*; *Testimonies*, Vol. 5, pág. 260.
- 8 White, *Testimonies*, Vol. 5, pág. 337.
- 9 Idem, idem, Vol. 3, pág. 513.
- 10 Idem, *My Life Today*, pág. 209.
- 11 *The SDA Bible Commentary*, comentários de E. G. White sobre Atos 10:1-6, págs. 1059 e 1060.
- 12 Idem, pág. 1059.
- 13 White, *Testimonies*, Vol. 5, pág. 645.
- 14 *The SDA Bible Commentary*, comentários de E. G. White sobre Jó 42:11, pág. 1141.
- 15 White, *Testimonies*, Vol. 5, pág. 147.
- 16 Idem, *My Life Today*, pág. 291.
- 17 Idem, *Ciência do Bom Viver*, pág. 429; *Testimonies*, Vol. 8, pág. 279.
- 18 Idem, idem, págs. 429 e 430; *Testimonies*, Vol. 8, pág. 297.
- 19 Idem, *Fundamentals of Christian Education*, pág. 444.
- 20 *The SDA Bible Commentary*, comentários de E. G. White sobre Jó 38, pág. 1141.
- 21 White, *Medical Ministry*, pág. 92.
- 22 Idem, *Educação*, pág. 172.
- 23 Idem, *Ciência do Bom Viver*, pág. 430; *Testimonies*, Vol. 8, pág. 279.
- 24 Idem, *Medical Ministry*, pág. 92.
- 25 Idem, *Patriarcas e Profetas*, pág. 42.
- 26 Idem, *Vereda de Cristo*.
- 27 Idem, *Testimonies*, Vol. 8, págs. 259 e 260.
- 28 Idem, *Ciência do Bom Viver*, pág. 417.
- 29 Idem, *Conselhos aos Professores*, págs. 415 e 416; *Fundamentals of Christian Education*, págs. 356 e 357; *Profetas e Reis*, pág. 276.

O B R E I R O,

faça da REVISTA ADVENTISTA a sua revista, leia-a de princípio a fim, cite-a em seus sermões e em suas visitas missionárias, aconselhe todos os membros de sua igreja a lerem-na assiduamente!

A Arte do Evangelismo Pessoal

SIMÃO R. JOHNSON

Pastor na Associação de Potomacque

O EVANGELISMO em seu aspecto mais amplo inclui todos os esforços tendentes a levar o homem ao conhecimento de Deus e à comunhão com Ele. É o manancial da religião cristã, a fonte de todo o seu crescimento, triunfo e expansão. O reino de Deus só é estabelecido quando as ovelhas perdidas são procuradas e salvas.

Realizar evangelismo pessoal é dever de cada ministro adventista do sétimo dia. O pregador ou pastor-evangelista de êxito encontra tempo em seu programa para trabalho pessoal. Sua responsabilidade estende-se do púlpito aos lares do povo. Muitos dos que não pertencem a alguma igreja estão impossibilitados de assistir às reuniões públicas e precisam ser atingidos onde se encontram. Na obra de atender às almas, nenhuma pessoa que possa ser alcançada deve ser excluída. Nossa responsabilidade exige que penetremos nos lares do povo. Devemos entrar em íntimo contato pessoal com os instruídos e ignorantes, com os ricos e pobres.

Únicamente quando a chama do evangelismo arde brilhantemente no púlpito, poderá ela ser transmitida aos presentes. A menos que o pregador esteja disposto a falar em favor das almas — de maneira resoluta, convincente e ardorosa — não é de esperar que os membros leigos sintam o desejo ou impulso de evangelizar. Como líder espiritual, o ministro sempre deve estar pronto para associar os indivíduos com o Cristo vivo. Se ele não têm paixão pelas almas, sua congregação refletirá a mesma falta de zelo. Os membros da igreja precisam ver seu pastor possuído do fervor de salvar almas, que incentivará seu amor pelos perdidos e os levará à ação.

Enfrentar as Necessidades das Pessoas

A ausência do espírito de evangelismo pessoal pode ser responsável pela irrelevância de muitos sermões, que freqüentemente não fazem jus às necessidades das pessoas. Tais sermões dão a impressão de que o pastor, em vez de tomar em conta as condições e necessidades dos presentes, está apenas apresentando algo para ocupar o tempo designado.

Visitar os membros ajuda o pastor a descobrir-lhes as necessidades e a satisfazê-las mais apropriadamente nas apresentações que faz no púlpito. O conhecimento do pastor deve ser tanto teórico como prático. O trabalho ativo pe-

los outros enriquece-lhe a própria experiência, e combinado com o conhecimento teórico, capacita-o para apresentar mensagens que sempre são novas e estimulantes. As mensagens que se baseiam em experiência pessoal são compreendidas facilmente pelos membros leigos e dão real inspiração ao serviço eficaz em favor de outros.

Mais almas são ganhas para Cristo pelo evangelismo pessoal, de casa em casa, do que por muitos outros meios combinados. O pastor é o principal recrutador da igreja e espera-se que assuma a direção dessa atividade. Há um indescrevível júbilo que acompanha o ganhar almas para Cristo. Enriquecimento espiritual é a recompensa do pastor que continuamente sai pelos caminhos e atalhos em busca daqueles que possam ser conduzidos a Cristo. Desta maneira o ministro estará fazendo a obra de um verdadeiro pastor — de alguém que está disposto a percorrer qualquer extensão ou profundidade para alcançar sua ovelha. Os conversos ganhos através do trabalho pessoal provavelmente permanecerão mais fiéis à verdade — haverá menos apostasias entre eles.

Essencial ao Êxito na Evangelização

Para efetuar tal serviço é necessário possuir boa vontade, consagração e o senso duma missão divinamente designada. O evangelismo pessoal vai ao fundo da necessidade humana. É o segredo de obter decisões pessoais para Cristo. Nenhuma forma de evangelização é completa sem ele. Na Igreja Apostólica ele foi o espontâneo testemunho pessoal resultante do derramamento do Espírito de Deus. Quando os cristãos se tornam repletos do Espírito, são imbuídos de tal amor pelas almas, que ficam inflamados por Cristo. Tornam-se tochas vivas para Deus.

O desejo de testemunhar não somente provém da obrigação moral, mas principalmente da compulsão divina. Únicamente através de consagrado esforço pode-se ser eficiente nessa altamente especializada espécie de vocação. Não se deve meramente manifestar zelo sem conhecimento. As oportunidades do evangelismo pessoal exigem tempo e energia, diligência e tato. "Há necessidade agora de dar ao público instrução paciente e afável . . . ; de grande tato e paciente esforço necessitam os que têm que apresentar a verdade em muitas maneiras." — *Evangelismo*, pág. 228.

O instrutor bíblico é semelhante a um sementeiro. Penetrando nos lares das pessoas e proferindo a palavra certa no tempo devido, ele ajuda a desfazer as barreiras do preconceito, da ignorância e da maneira errada de viver. Assim, são ganhas pessoas que nunca poderiam ter sido alcançadas, se a mensagem não fôsse levada diretamente a elas. À medida que os evangelistas pessoais visitarem as pessoas em seus lares e apresentarem a verdade com simplicidade e sinceridade, o Espírito de Deus influenciará os corações.

Os estudos bíblicos e os conselhos que dá nos lares, capacitam o instrutor bíblico a ajudar aqueles que têm problemas pessoais — a tomarem decisões apropriadas e a fazerem os conseqüentes ajustamentos na maneira de viver. Através de fervorosa oração e pela orientação do Espírito Santo tal obreiro pode descobrir os problemas fundamentais do indivíduo e mudar o teor de seus pensamentos. Estas decisões feitas nos lares produzem resultado no evangelismo público.

Declara a autora do livro *Evangelismo*: “É necessário pôr-se em íntimo contato com o povo mediante esforço pessoal. Se se empregasse menos tempo a pregar sermões, e mais fôsse dedicado a serviço pessoal, maiores seriam os resultados que se veriam. . . . Cumpre-nos chorar com os que choram e alegrar-nos com os que se alegram. Aliada ao poder de persuasão, ao poder da oração e ao poder do amor de Deus, esta obra não há de, não pode, ficar sem frutos.” — Página 459.

A obreira bíblica mantém-se em íntimo contato com os que assistem às conferências públicas. Ela faz as vezes de uma recepcionista e fica familiarizada com as pessoas, conhecendo-lhes o nome e a fisionomia e usando êsses contatos como cunha de entrada para ingressar mais facilmente nos lares.

Alcançar o Coração

A arte do trabalho pessoal é a arte de alcançar o coração. O obreiro ou ministro pode possuir erudição, o dom da oratória, elegância e notável habilidade para ensinar, mas se deseja tornar-se um bem sucedido ganhador de almas, deve aprender a arte de lidar com as necessidades espirituais do indivíduo, duma maneira pessoal e sincera. O eu, sem a ajuda do Espírito Santo, é destituído de poder. Os esforços humanos por si sós são inúteis. Se o problema do indivíduo não fôr solucionado, a alma não será auxiliada espiritualmente. Meramente convencer a pessoa da veracidade das doutrinas e deixar-lhe o coração vazio e destituído do amor de Jesus, é fracassar completamente nos esforços evangelísticos.

O ministro jovem deve aprender constantemente na escola de Cristo as lições ensinadas por Jesus. O Mestre dos mestres deixou um exemplo de bem sucedido evangelismo pessoal em Suas entrevistas com a mulher junto ao pôço, com Nicodemos e muitos outros. Seus apelos pessoais alcançaram o coração de alguns dos indivíduos mais insensíveis e imbuídos de preconceitos de Seu tempo, tanto judeus como gentios. Suas palavras e Seu amor penetraram nos mais íntimos recessos da alma com tal atração e ternura, que fizeram com que cada um deles descobrisse suas necessidades pessoais e se entregasse completamente ao Deus vivo.

Constantemente ouvimos falar de membros que apostatam. Milhões de outras pessoas quase submersas em degradação e pecado também necessitam urgentemente de auxílio. A todo-absorvente ambição tanto do ministro como dos membros leigos deveria ser levar o convite do evangelho de Deus a essas almas perdidas. O crescente desafio da atualidade exige que o ministro jovem una seus esforços pessoais com os do Mestre dos mestres e que coopere com Deus para a salvação de seus familiares, vizinhos e amigos. Por que razão nós, que quase fariamos esforços sôbre-humanos para salvar homens e mulheres de um automóvel ou prédio incendiado, somos inclinados a hesitar em livrá-los de um mundo prestes a ser envolvido em chamas? Esta hora premente requer os maiores esforços de nossa história.

▲ Muitos dos que são atraídos a Cristo não possuirão fôrça moral para continuar a luta contra o apetite e a paixão. O obreiro não deve, no entanto, se desanimar por isso. . . . Lembrai-vos de que não trabalhaiis sôzinhos. Anjos ministradores se unem em serviço a todo sincero filho e filha de Deus. — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 149.

▲ FLÓRIDA, EE. UU. — A começar com o próximo ano, os candidatos ao ministério na Associação Metodista da Flórida terão de passar por testes psicológicos. A assembléia anual que se reuniu aqui adotou o nôvo regulamento. Este estêve sob estudo durante um ano pela Comissão do Preparo Ministerial, instituída por aquela associação. A comissão declarou que o principal motivo para essa exigência é “acentuar a compreensão de cada candidato a respeito de seus próprios motivos e métodos no ministério”.



Todos os Membros da Igreja no Trabalho

GEORGE S. STEVENS

Pastor da Associação Arkansas-Louisiana.

JESUS em pessoa foi enviado à Terra como instrumento do evangelho, pois Ele é "o apóstolo e sumo sacerdote de nossa confissão." Heb. 3:1. Como uma organização de Seus coobreiros, "a igreja é o instrumento apontado por Deus para a salvação dos homens." — *Atos dos Apóstolos*, pág. 9. Inhere-se daí que os membros não estão individualmente na igreja simplesmente para o seu próprio conforto e satisfação, mas como uma unidade responsável no conjunto que está operando constantemente para cumprir o propósito de levar redenção aos homens.

O trabalho da igreja não é só o dos ministros e de uns poucos membros leigos na posição de líderes, pois "todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 138.

A Igreja como um Vaso de Guerra

A igreja, mais que um transporte de tropas, é um vaso de guerra, e deve por isso mesmo ser organizada para ação. Como cada homem tem a sua posição num vaso de guerra, assim é com os cristãos. A cada um é designado um pôsto de dever, não para os seus próprios interesses egoístas, estreitos, mas para que a influência de cada um possa ser o fortalecimento de todos. — *Testimonies*, Vol. 7, pág. 296.

Se um cristão é inativo, a culpa não é inteiramente sua, pois é tarefa do ministro cuidar que cada membro seja colocado numa posição, e que nessa posição êle saiba como trabalhar. Muitas de nossas congregações são como um vaso de guerra cujo comandante estivesse regularmente apelando aos seus homens para que lutem com vigor e coragem, mas aos quais não se entregou nenhuma tarefa específica. Que confusão e ineficiência não reinaria nesse navio! Nessas circunstâncias, só por milagre uma batalha poderia ser ganha. Além do trabalho de manter a organização marchando harmonicamente, é missão do pastor descobrir novos métodos de ataque ao "inimigo," novas estra-

tégias de guerra, procurar levar depressa ao fim cada conflito e recolher e conservar os "despojos."

O sucesso do chamado evangelístico do ministro depende em grande parte de sua habilidade em distribuir responsabilidades entre os membros de sua igreja. Para êle e para a sua igreja deve ser considerado uma vantagem e não uma falta, ter "tantos chefes e tão poucos índios." Direta ou indiretamente, pertence ao pastor ver que cada membro tenha determinada obra para fazer, e que realmente faça essa obra.

Progresso Burocrático

Uma medida de progresso da igreja é a expansão burocrática, a qual se deve processar sempre em sentido positivo, aumentando o dever, a dignidade e a eficiência de cada posição. Para ilustrar isto negativamente: Pode ser expansão burocrática o ancião abrir a igreja, o secretário enviar ao pastor uma cópia das atas da comissão, ou o tesoureiro fazer uma duplicata de títulos de dízimos e ofertas; mas tal progresso pode significar apenas uma expansão para fora, ou mesmo para baixo, em vez de *crescimento*.

Estaria bem, creio, que os deveres de cada função se inclinassem no sentido de crescimento, desenvolvimento, ampliação da experiência, pois todo trabalho da igreja deve tender para o progresso em sentido vertical nos negócios do ministério da igreja, isto é, o de salvar almas para o reino de Deus.

Os anciãos estão habilitados a executar muitos dos deveres espirituais agora a cargo do ministro; os diáconos podem muito bem e de maneira plenamente satisfatória realizar visitas missionárias agora a cargo dos anciãos; e obreiros voluntários de menor idade ou capacidade podem fazer muito das tarefas mais simples agora desempenhadas pelos diáconos.

Tal crescimento ascensional de responsabilidade, que na realidade não é mais do que um

movimento da realidade comum na direção do Novo Testamento, em medida apreciável liberaria o pastor para o exercício de sua principal missão — a ministração às necessidades espirituais dos que não são membros da igreja. Em acréscimo, êste plano proveria mais postos de dever nos quais os mais novos na fé, os membros mais jovens e destreinados desempenhariam na igreja as tarefas mais simples conquanto não menos vitais.

Os Benefícios Esperados

Embora os reais benefícios dêste plano sejam incalculáveis, podemos ter em vista alguns dos mais dignos de nota:

1. Multiplicar-se-iam as oportunidades para a obra de salvar almas, especialmente para o pas-

tor e os líderes leigos da igreja, e em última análise para todos os membros.

2. Os serviços da igreja correriam em harmonia e eficientemente.

3. Haveria aumento de entusiasmo entre todos os membros da igreja por tôdas as atividades da igreja.

4. Os problemas da igreja, como as querelas, os diz-que-diz-que, as ciumeiras e violações de mandamentos seriam substituídos por palavras e atos de amor.

5. Um crescente sentimento de dignidade e importância possuiria cada membro.

6. As normas gerais da igreja na comunidade seriam realçadas.

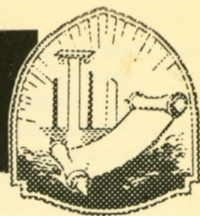
7. Ajudaria a manter fechadas as “portas do fundo” da igreja contra a apostasia.

CURSO DE LEITURA MINISTERIAL

1964



1. ORIENTAÇÃO DA CRIANÇA — E. G. White
2. O NÔVO COMENTÁRIO DA BÍBLIA — Vol. 1 — Editado por F. Davidson
3. HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ — Roberto N. Nichols
4. PODER ATRAVÉS DA ORAÇÃO — E. M. Bounds
5. “EL SÉPTIMO DIA” (em castelhano) — B. Herndon



As Atitudes do Vaticano para com a Reforma do Calendário

DANIEL HAMMERLY DUPUY



QUALQUER plano de reforma do calendário que implique na interrupção do ciclo semanal, mediante dias em branco ou fora de cômputo, constitui um atentado de primeira grandeza contra a religião. Uma reforma baseada na adoção de um calendário que permite estabilizar as datas nos mesmos dias da semana, por meio dos chamados dias nulos, constituiria um ataque a todos os sistemas religiosos que aceitam a semana como um dom do Criador, estabelecendo o dia de repouso de forma específica como preceito moral claramente indicado pelo Decálogo.

Desperta a atenção o fato de que o plano dos dias fora de cômputo, ideado com o pretexto de estabilizar as datas e obter um "calendário perpétuo", surgiu na cidade de Roma, dentro do âmbito da Igreja Católica Romana. Com efeito, durante o pontificado de Gregório XVI (1831-1846) o menorista Marco Mastrofini propôs um plano de reforma do calendário gregoriano, com as seguintes características: a) O calendário contaria com um ano de 364 dias numerados, começando em dia de domingo e terminando em dia de sábado; b) o dia 365 ficaria fora de cômputo como extracalendário, com nome de *feria octava*; c) o dia bissexto seria acrescentado cada quatro anos, como no calendário gregoriano, sem nome de dia de semana, depois da *feria octava*, como véspera do dia de Ano Novo. As idéias deste sacerdote e matemático foram publicadas em 1834, em 316 páginas, com três *Nihil obstat* e dois *Imprimatur*. (Marco Mastrofini, *Amplissimi frutti da raccogliersi sul calendario gregoriano perpetuo*, Roma, 1934.)

Embora Mastrofini falecesse em 1843, sem

que seu projeto de reforma alcançasse maior reputação, sua *feria octava*, que quebrava a continuidade do ciclo semanal, foi adotada com entusiasmo pelo positivista francês Augusto Comte, em 1850. Este autor propôs um calendário de 13 meses de 28 dias, deixando fora de cômputo, como dias em branco, os que correspondessem aos dias 365 e 366. Esse projeto alcançaria muita fama depois da primeira guerra mundial, mas seria rejeitado pelo Vaticano. (Augusto Comte, *Calendrier positiviste ou Système de Commémoration publique destiné surtout à la transition finale de la grande République occidentale*, Paris, 1850, 35 págs.; ed. 1851, 39 págs.; ed. 1852, 43 págs.)

A segunda etapa na planificação da reforma do calendário gregoriano começou durante o pontificado de Leão XII (1878-1903). Enquanto Croze, capelão de Roquette, em Paris, se encontrava em Roma, em missão oficial, para estudar a fixação da data da Páscoa, no Vaticano lhe foi indicado que, para que tal plano pudesse realizar-se, seria necessário estabelecer previamente uma reforma do calendário. Por conseguinte, ao regressar a Paris, em 1884, entregou ao astrônomo Camile Flammarion a importância de 5.000 francos, oferecidos por um doador anônimo, para serem outorgados como prêmio aos melhores projetos de reforma do calendário. O astrônomo francês, como diretor do periódico *Astronomie*, organizou o concurso competente e outorgou prêmios aos autores de seis projetos que adotaram os dias em branco ideados por Mastrofini. Tais dias foram denominados *non-dies*, em lugar de *feria octava*, pelo astrônomo Gustavo Armelin, vencedor do primeiro prêmio desse concurso.

Numa declaração feita em 6 de março de 1897, Leão XIII assinalou quais eram as

condições básicas para a reforma do calendário gregoriano: a) “o bem geral”; b) acôrdo geral sôbre um calendário de doze meses; c) harmonia da cristandade para fixar a data da Páscoa; d) adoção geral da reforma por parte dos governos. (Camile Flammarion, “*Projet de Réforme du Calendrier*”, *Bulletin de la Société Astronomique de France*, N.o 1, Paris, 1887, págs. 62-125.) (Tondini de Quarenghi, *L'Italia e la Questione del Calendario al Principia del XX Secolo*, Roma, 1905, pág. 25.)

Depois que as Câmaras de Comércio de Londres, Berlim e Berna se interessaram na reforma do calendário, por iniciativa do cientista suíço L. M. Grosclaude, efetuaram-se sondagens para conhecer a posição do Vaticano. A declaração emitida em 1912, diz: “A Santa Sé não põe obstáculo algum, mas convida os poderes civis a chegarem a um acôrdo sôbre a reforma do calendário civil, após o que concederá de boa vontade sua colaboração no tocante às festas religiosas.” Além disso, Pio X (1903-1914) tomou medidas para que o abade beneditino Dom Fernando Cabrol estudasse a reforma do calendário em seus diversos aspectos. As investigações dessa índole tomaram nôvo impulso nos países católicos. Na Espanha apareceu uma obra dedicada a êsse tema, escrita por Plaza y Salazar, que foi comentada favoravelmente pelos sacerdotes P. E. Portillo S. J. e R. P. Villariño, nas revistas *Razón y Fe* e *Sal e Terrae*. (João Rivera Reyes, *Un Calendario Perpetuo para el Mundo*, Panamá, 1952, pág. 76.) (Carlos de la Plaza y Salazar, *La Reforma del Calendario Acomodado a las Fiestas y Solemnidades de la Iglesia*, Bilbao, 1912.)

Durante a primeira guerra mundial o problema da reforma do calendário foi posposto aos assuntos da política internacional. Não obstante, Benedito XV (1914-1922) foi consultado a respeito dêsse problema pelo Cardeal Mercier, arcebispo de Malinas e primaz da Bélgica, recebendo a resposta nos seguintes termos do parágrafo principal: “Em si mesmo não é inconveniente nem proibido tratar da questão duma nova data pascal, desde que se faça isso com prudência e que se fale em seu próprio nome, sem esquecer, todavia, que a Igreja não pode admitir sete dias continuos de trabalho.” (P. Piacenza, *An Expediat ut aliquid novi status circa celebrationem diei Paschatis in Ecclesia Catholica*, em *Ephemerides liturgicae*, 32, Roma, 1918, págs. 248 e 249.)

Tomando em conta a posição da Igreja de Roma, expressada por Benedito XV, os partidários dos planos de reforma do calendário que defendiam projetos com dias fora de cômputo, empenharam-se em destacar que êsses dias não são de trabalho. Apresentam tais dias em branco ou dias zero como feriados nacionais de ca-

ráter religioso, para obviar assim a dificuldade dos sete dias de trabalho consecutivo. Dêsse modo a *feria octava* do menorista Mastrofini foi considerada como aceitável nos ambientes católicos, segundo se pode notar nos comentários do abade Fernando Cabrol. Durante várias décadas êste beneditino, abade de St. Michael's Farnborough, Inglaterra, editor da *Roman Catholic Encyclopaedia* e autor de doze livros sôbre a reforma do calendário, se transformou num dos campeões dessa reforma que quebra o ciclo semanal. Como chegou a ser membro de várias associações que propiciavam a mudança do calendário gregoriano, depositou no Vaticano um amplo *Memorandum* em latim, no qual apresenta como fundamental para o funcionamento de um calendário perpétuo “a proposta de pôr de lado um dos dias da semana . . .” Dom Fernando Cabrol, em *Revue du Clergé Français*, 1.º de março de 1912; citado por Haroldo Watkins — *Time Counts the Story of the Calendar*, Londres, 1954, pág. 243.

A organização da Liga das Nações favoreceu o estudo dos projetos de reforma do calendário. Na quinta sessão do referido organismo com sede em Genebra, realizada nos dias 29 de agosto a 1.º de setembro de 1923, nomeou-se uma comissão para examinar a reforma do calendário, integrada por seis membros. A comissão especial foi formada por três astrônomos, dois técnicos em estatísticas e pelo sacerdote católico Gianfranceschi, presidente da Academia Dei Nuovi Lincei, da Santa Sé. A comissão especial se reuniu uma vez por ano para estudar diversos projetos, publicando finalmente seu relatório no ano de 1927, quando foi enviado a tôdas as nações, dando a conhecer as respostas de diversas organizações religiosas que haviam sido consultadas.

Pio XI não permaneceu alheio aos projetos de reforma do calendário, como o demonstra o fato de haver-se ocupado do assunto no ano 1924, em relação com os estudos da Liga das Nações. Na carta do Monsenhor Maglione, então Nuncio apostólico em Berna, escrita em 7 de março de 1924, como resposta a essa entidade internacional, consta que “não há dificuldade dogmática” na reforma do calendário, tanto a respeito da data para a Páscoa como da introdução de “dias neutros”. A mesma carta expressava que a Santa Sé se comprazia em saber “que a Liga das Nações admitira explicitamente que a questão da reforma do calendário, principalmente no que respeita à festa da Páscoa, é altamente de interesse religioso.” Cumpre notar, no entanto, que em 1935 o Vaticano não cria que houvesse chegado o momento propício para que se pronunciasse definitivamente em favor da mudança do calendário, pois considerava que seria “prematureo que a Liga das Nações ou

os governos tentassem obter uma decisão oficial do Santo Padre." (Monsenhor Maglione, em *Rapport Rélatif à la Réforme du Calendrier*, Genebra, 1926, pág. 86.) (Dom Fernando Cabrol, *memorandum to Vatican*, pág. 117.)

Pio XII foi entrevistado por uma comissão britânica interessada na reforma do calendário, presidida pelo abade Dom Fernando Cabrol, em junho de 1936. Lord Desborough, num debate na Câmara dos Lordes, referiu-se a essa entrevista realizada no Vaticano, destacando a conclusão de que "o assunto da reforma do calendário é encarado pelo Vaticano como um todo, e que a questão da estabilização da Páscoa não pode ser separada da questão da reforma geral." (Joaquim Santillana S. J., *El Actual Calendario Juliano-Gregoriano y su Sensacional Reforma en el año 1939*, (Buenos Aires, 1936.) É de notar que nessa obra aparece o texto mencionado em inglês, e uma tradução deficiente em espanhol.

Durante algum tempo, no âmbito da Liga das Nações, estiveram em debate dois projetos de reforma que incluíam dias em branco ou fora de cômputo: o projeto da International Fixed Calendar League, com um ano de treze meses de 28 dias, patrocinado por Jorge Eastman e dirigido por Moisés Cotsworth; e o projeto divulgado pela Rational Calendar Association, encabeçado por Desborough, com doze meses e quatro trimestres iguais, porém com dias em branco, para dar a ilusão de que as mesmas datas ocorriam de ano em ano no mesmo dia da semana. O projeto de treze meses por ano, que seus organizadores pensavam pôr em operação em 1933, fracassou no ano 1931, principalmente porque o ano não era divisível em trimestres e semestres. No mundo católico êsse Calendário Racional, ideado pelo positivista Augusto Comte, não teve aceitação e o folheto com o qual havia sido difundido foi incluído na lista de livros proibidos por Pio XII. (*Index librorum prohibitorum SSmi D. N. Pio XII jussu editus anno MCMXL*, Vaticano, 1940, 508 págs.)

Os partidários de reformar o calendário juliano-gregoriano saudaram com entusiasmo o projeto ideado pelo menorista Mastrofini, que foi adotado pela Associação do Calendário Mundial, fundada em fins de 1930. Êsse projeto, amplamente difundido pela senhorita Elisabete Achelis e seus colaboradores, interessou no problema a diversas nações, contando com o apoio oficial do Chile no ano 1936. Embora êsse chamado "Calendário Mundial" interrompa o ciclo semanal mediante a intercalação de dias em branco ou fora de cômputo, recebeu o apoio mais decidido da parte de numerosos membros do clero católico, entre os quais se destacam os seguintes: Dom Fernando Cabrol, abade de St.

Michael's, Farnborough, Inglaterra; Chauve-Bertrand, abade de Saint-Réverien, Nievre, França; Granerau, abade de Lamorlaye, França; João V. Monticelli, S. S., de Buenos Aires, Argentina; Conrado M. Morin, professor de história Eclesiástica na Universidade de Montreal, Canadá; Thomas Morris, S. J., Canadá; Cardeal Nasalli Rocca, arcebispo de Bologna, Itália, e assessor da Pontifícia Academia Litúrgica; Daniel J. K. O'Connel, S. J., diretor do Observatório do Vaticano; P. E. Portillo, S. J., da Espanha; Joaquim Santillana, S. J., Buenos Aires, Argentina; S. Schwegler, dos Estados Unidos. Entre êles vários escreveram obras defendendo a reforma do calendário com a inclusão de dias em branco e outros publicaram artigos elogiando o chamado Calendário Mundial em diversos periódicos e no *Journal of Calendar Reform*, publicado em Nova York.

Durante o pontificado de Pio XII, entre os adeptos do catolicismo nos Estados Unidos, ouviram-se algumas vozes de protesto contra a projetada reforma do calendário gregoriano que se urgia para o ano 1950. Com efeito, o cardeal Dougherty, da Filadélfia, divulgou seu protesto em 7 de março de 1947. Mas os propagandistas do Calendário Mundial intensificaram suas atividades na América do Sul e na Ásia, de tal maneira que o Peru, em 1947, o Panamá, em 1949, e a Índia, em 1953, pediram oficialmente que a reforma do calendário gregoriano fôsse estudada pela Organização das Nações Unidas. Como na ONU se interessavam em conhecer a atitude do Vaticano em tão importante assunto, recorreram a uma consulta por intermédio do Núncio apostólico em Washington, o qual apresentou a seguinte declaração: "No tocante à presente atitude do Vaticano para com o assunto do Calendário Mundial, foi-me solicitado que vos informasse que a Santa Sé presentemente está examinando a questão e tornará conhecidas suas conclusões a respeito no momento oportuno." (*Journal of Calendar Reform*, Vol. XXIII, Nova York, dezembro de 1953, N.º.4, pág. 154.)

Pio XII faleceu em 1958 sem dar a conhecer publicamente a posição da Igreja Católica Romana a respeito da reforma do calendário gregoriano. A importância do assunto implicava, indubitavelmente, a organização de um Concílio Ecumênico. Êste foi convocado por João XXIII, para o dia 11 de outubro de 1962. Durante um período intermediário do Segundo Concílio do Vaticano, faleceu João XXIII sem que houvesse sido tratado o problema da reforma do calendário. Paulo VI foi coroado em 30 de junho de 1963 e poucos meses depois se renovaram as sessões do Concílio Ecumênico. Segundo fôra programado, chegar-se-ia ao assunto da reforma do calendário ao ser tratado o capítulo V do esquema de liturgia.

Na sessão LV do Segundo Concílio do Vaticano, realizada em 24 de outubro de 1963, efetuou-se a emenda n.º 4, correspondente ao Ano Litúrgico e ao artigo que fala do “*dies dominicus*”, corrigindo o texto anterior para afirmar “que cada sete dias a Igreja celebra o Mistério da Páscoa, segundo a tradição apostólica que começa com o dia da ressurreição de Cristo. Por isso o domingo se chama ‘dia do Senhor.’” Na sessão LVI, realizada em 25 de outubro, efetuou-se a emenda n.º 9, que “determina que os artigos referentes à celebração da Páscoa em um domingo fixo e ao estabelecimento de um calendário também fixo sejam separados deste capítulo e postos como um apêndice da Constituição, com o título ‘Declaração do Concílio do Vaticano sobre a revisão do Calendário.’” A votação dessa emenda foi de 2.057 conciliares a favor, 4 contra e 1 voto nulo. Diz a emenda aprovada: “A Constituição sobre a Sagrada Liturgia terá um apêndice com dois artigos. No primeiro se declara que o Concílio não se opõe a que a festa da Páscoa seja marcada para um domingo fixo no calendário gregoriano, contanto que o aceitem os que se interessam no problema, particularmente os irmãos separados da Sé Apostólica. O segundo artigo declara que o Sacrossanto Sínodo não se opõe aos projetos que tendem a introduzir um calendário perpétuo na sociedade civil. Porém, entre os diversos sistemas que possam ser planejados, a Igreja só não se opõe àqueles que mantêm e defendem a semana de sete dias com o domingo, de maneira que a semana conserve intata a sucessão de seus dias, a não ser que gravíssimas razões aconselhem o contrário, o que será julgado pela Sé Apostólica. Estes dois artigos, que em substância já figuravam no texto precedente do esquema, vão agora precedidos de um breve proêmio que os enquadra, dizendo que o Segundo Concílio Ecumênico do Vaticano intenta fazer uma declaração sobre o problema da data fixa para a Páscoa e sobre o problema do calendário.” A emenda n.º 10 refere-se ao texto do proêmio acrescentado, que foi votado favoravelmente por 2.068 conciliares, com 9 votos contra e um voto nulo. (L’Observatore Romano. Edición Semanal em língua castelhana, Ano XIII, N.º. 585 — Buenos Aires, 7 de novembro de 1963 — pág. 7.)

Os comentários da imprensa, tomando em conta as informações dos observadores da LVI sessão do Segundo Concílio do Vaticano, destacaram o discurso pronunciado por Franz Zuner, bispo de Linz, Áustria, o qual explicou antes da votação que a economia das cidades industriais “requer uma ordem estabelecida de trabalho e descanso”. Desejando colaborar no estabelecimento dessa ordem, a Igreja Ro-

mana assinala que está disposta a fixar a data da Páscoa e das demais celebrações litúrgicas móveis do ano, e que deixa ao estudo das nações, ou seja da Organização das Nações Unidas, o que se refere ao ano civil. No tocante ao calendário perpétuo, estaria disposta a considerar a conveniência de romper o ciclo semanal. Esta é a atual atitude do Vaticano.

Quais poderiam ser as “gravíssimas razões” para que o Vaticano admita a quebra do ciclo semanal? O Concílio do Vaticano não as mencionou. Os partidários da reforma do calendário gregoriano invocam as exigências de um calendário estatístico de trimestres com o mesmo número de dias, que combine com os fenômenos astronômicos mediante a intercalação de dias em branco. As religiões, pelo menos o judaísmo, o cristianismo e o maometismo, deveriam assumir uma posição irredutível com um *sine qua non* para qualquer plano de reforma do calendário: o mais profundo respeito à continuidade do ciclo semanal, por causa de seu caráter religioso. Lamentavelmente, a maior parte das organizações religiosas cederam ante a propaganda sedutora da World Calendar que propõe um calendário perpétuo baseado em dias fora de cômputo, que são um atentado contra o histórico ciclo semanal.

Geralmente, os partidários da reforma do calendário determinam que o plano deve pôr-se em operação num ano que comece num domingo. O ano 1967 reunirá essa condição. Mas alguns reformistas, como o abade Chauve-Bertrand, têm insistido desde há anos numa reforma completa do calendário. Propõem que deve ser realizada uma eliminação de dez dias para que o dia 1.º de janeiro coincida com a data de 22 de dezembro, de significação astronômica, ou seja que o ano começaria no solstício de inverno do hemisfério norte. Poderiam estas ser algumas das “gravíssimas razões” para quebrar a continuidade do ciclo semanal? Evidentemente não, pois todas as características do calendário perpétuo poderiam ser obtidas por meio de um plano que respeite a continuidade do ciclo semanal. Bastaria que em lugar de intercalar dias em branco, cada quinquênio se intercalasse uma semana completa e que as omissões a essa regra fôsem expressas sempre em termos duma semana completa. (Chauve-Bertrand, “Pourrait-on ramener notre premier janvier au jour du solstice d’hiver?”, em *La Croix*, Paris, 19 de dezembro de 1946, pág. 3. (Projeto enviado pelo autor à Sociedade das Nações e ao Vaticano no ano 1937: Daniel Hammerly Dupuy, *El Nuevo Calendario Sacrificará la Semana?* Buenos Aires, 1937, 96 páginas.)

Despedida e Boas-Vindas



Margarita Deak

Depois de 14 anos de assinalados serviços prestados à Associação Ministerial, despediu-se da família da Divisão Sul-Americana, a Srta. Margarita Deak, para continuar emprestando à Divisão Interamericana, em Miami, o concurso de sua experiência como secretária e tradutora.

Valemo-nos da oportunidade para registrar uma palavra de gratidão à Srta. Deak pelos relevantes serviços prestados a “O

Ministério Adventista”, no decurso destes quase três lustros de fecunda atividade.

Ao preparar este número de “O Ministério Adventista”, tivemos a colaboração valiosa da Srta. Elizabeth Lang, a nova secretária da Associação Ministerial, a quem estendemos as boas-vindas, e os augúrios de êxito em suas novas responsabilidades. — E. O.



Elizabeth Lang

Bíblia e Napoleão

REFERINDO-SE à Bíblia, disse, certa vez, Napoleão, o grande guerreiro e imperador da França: “A alma jamais pode vaguear sem rumo, se tomar a Bíblia para lhe guiar os passos.”

Não faz muito tempo, foi localizado o exemplar das Sagradas Escrituras que Napoleão usou em seu exílio, na ilha de Elba. Várias passagens, sublinhadas pelo valente estadista, revelam sombrias experiências vividas na solidão do degrêdo, no ocaso de uma jornada gloriosa. Eis algumas das passagens lidas e meditadas por Napoleão: “A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo”. (S. Mat. 3:8). “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” Rom. 8:31. “Tomai sôbre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas.” S. Mat. 11:29.

Mesmo nas horas de solidão, nas tristezas da vida, quando os amigos do mundo nos esquecem e as glórias por que tanto lutamos nos abandonam; mesmo quando tudo que nos parecia tão estável, tão firme se desfizer, a Bíblia permanecerá no seu lugar de lâmpada para nossos pés cansados, e de luz para nossos caminhos tormentosos . . . — *A Bíblia no Brasil*, abril de 1963.

Bíblia & Amendoim

JORGE Washington Carver era filho de escravos. Perdendo o pai, foi trocado por um cavalo, lá em Arkansas onde, para sempre, se separou de sua genitora. Mas o menino escravo norte-americano confiava em Deus e possuía inflexível força de vontade. Seu nome figura nas Enciclopédias contemporâneas como cientista e educador. Em 1943, ao morrer, Carver já havia realizado experiências espetaculares com o amendoim, do qual conseguiu obter mais de trezentas substâncias diferentes.

Certa ocasião, o notável cientista negro foi chamado a dar informações sôbre suas conquistas, perante uma comissão do Senado norte-americano. E quando um dos Senadores lhe perguntou onde êle havia aprendido tantas coisas sôbre o amendoim, Carver respondeu:

- Eu aprendi tudo num velho livro.
- Que livro? Perguntou o presidente.
- A Bíblia.

— Mas o que diz a Bíblia sôbre amendoins?
— Nada, Sr. Senador, respondeu o Dr. Carver. Mas a Bíblia fala do Deus que fez o amendoim. Eu Lhe pedi que me mostrasse o que fazer com o amendoim, e Êle me mostrou.

Notável, sem dúvida, êste testemunho!

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

Quem Constitui Babilônia?

Ensinam ou crêem os adventistas do sétimo dia, como organização, que os membros das várias denominações protestantes, bem como as igrejas católica, grega e russo-ortodoxa, devem ser identificados com Babilônia, o símbolo da apostasia?

Admitimos plenamente o fato animador de que uma hoste de verdadeiros seguidores de Cristo estão espalhados através das várias igrejas da cristandade, inclusive na comunidade católico-romana. A estes Deus claramente reconhece como Seus. Tais pessoas não formam uma parte da "Babilônia" descrita no Apocalipse. A questão de lealdade ou deslealdade à verdade é, enfim, uma questão de relação pessoal para com Deus e os princípios fundamentais da verdade. O que é denominado "Babilônia", nas Escrituras, obviamente abrange aqueles que quebraram o espírito e a essência do verdadeiro cristianismo e seguiram o caminho da apostasia. Tais indivíduos estão sob a desaprovação do Céu.

1. É NECESSÁRIO CONSIDERAR A BASE HISTÓRICA. — A fim de expor o que os adventistas do sétimo dia crêem a respeito deste ponto, é essencial considerar primeiro os antecedentes das aplicações históricas que se estendem a uns oitocentos anos no passado. A mais antiga aplicação do termo simbólico "Babilônia" ao Papado, ou à Igreja Católica Romana, aparece nos escritos dos valdenses e albigenses do décimo-segundo século. Mas ao mesmo tempo que identificavam a dominante apostasia eclesiástica daquele tempo como sendo a organização descrita nas profecias bíblicas, também afirmavam que muitos dos filhos de Deus ainda se encontravam na Babilônia papal. E a estes sentiam-se constrangidos a "chamar para fora", ou a instar para que se separassem das apostasias daquela. Depois veio uma longa lista de católicos inclinados às coisas espirituais, que viveram nos séculos catorze e quinze — incluindo o pseudo-Joaquim, Olivi, Eberhard, Wiclef, Huss e Savanarola — todos asseverando ousadamente que "Babilônia" representa a corrupta igreja de Roma, e advertindo de sua futura retribuição. E por causa disso muitos foram levados àogueira.

2. EMPREGADO PELOS FUNDADORES DO PROTESTANTISMO. — Durante a Reforma Protestante todos os líderes, a começar com Lutero em 1520, e daí para a frente ensinaram praticamente a mesma coisa. Estes homens encontravam-se dispersos na Alemanha, Suíça, França e Inglaterra. Neste último país havia homens como Guilherme Tyndale, os bispos Ridley e Hooper, o arcebispo Cranmer, os bispos Bale, Jewel e Coverdale; e João Knox e Lorde Napier na Escócia. A carta de despedida de Ridley, antes de seu martírio em 1555, fazia reiteradas referências a "Babilônia" e evocava a separação de Roma.

3. CONTINUOU APÓS A REFORMA. — Nos Tempos posteriores à Reforma cerca de trinta preeminentes expositores mantiveram a mesma posição, inclusive pessoas famosas como o rei Tiago I, José Mede, Sir Isaac Newton, o bispo Thomas Newton, o fundador do metodismo — João Wesley, João Bengel e vários outros habitantes da Europa continental. Mesmo na América Colonial, João Cotton, Roger Williams, Increase Mather, Samuel Hopkins e muitos outros, até o tempo do presidente Timóteo Dwight de Yale, em 1812, fizeram aplicações idênticas. Um deles foi o notável historiador batista Isaac Backus, que escreveu em 1767: "Ela [a igreja de Roma] é a mãe das prostituições, e tôdas as igrejas que vão após quaisquer amantes e não após Cristo, em busca de uma existência temporal, são culpadas de prostituição". (Ver *Prophetic Faith of Our Fathers*, Vol. 3, pág. 213.) Antes disso, Roger Williams queixara-se ao Parlamento britânico de que os protestantes apegavam-se ao espírito e aos feitos da Babilônia papal.

Entrementes, diversos escritores protestantes do Velho Mundo mencionaram que Babilônia, a "mãe" de Apocalipse 17, possuía "filhas" que levavam o mesmo nome de família. E crendo

que certas corporações protestantes retinham algumas das características e erros do Papado, começaram a incluí-las sob o nome geral de “Babilônia”. Entre esses escritores encontravam-se não-conformistas como Browne, Barrow e João Milton.

4. BABILÔNIA, MÃE E FILHAS. — Nos primórdios do despertamento religioso do século dezoito, Lacunza, dentro do catolicismo, chamou Babilônia de “Roma sobre o Tibre”. E vários líderes anglicanos e não-conformistas — tais como Cunningham, Brown, M’Neile e Ash — reforçaram a aplicação. A Associação Protestante, organizada no Exeter Hall em 1835 — com homens como Croly e Melville — em 1839 fez soar o chamado para “sair de Babilônia”, incluindo tanto o protestantismo como o papismo.

E o *Arauto Cristão* (*Christian Herald*) de Dublin, dirigido pelo Reitor anglicano Eduardo N. Hoare, declarou em 1830 que as abominações de Babilônia papal, a mãe, “cobriam toda a cristandade”. Alexandre Fraser, da Escócia, e o anglicano Davi Simpson, da Inglaterra, mantinham opiniões semelhantes. Fraser disse que todas as igrejas estavam impregnadas do espírito de Babilônia. E Simpson declarou que as igrejas protestantes, de “qualquer denominação”, que participam do mesmo espírito, das mesmas doutrinas e circunstâncias, devem ser consideradas filhas.

Na América do Norte, omitindo Elias Smith e Lourenço Dow, que escreveram fortemente sobre as filhas protestantes como estando relacionadas com Roma, o ministro da Igreja dos Discípulos, Samuel M. McCorkle, declarou que o protestantismo fora embriagado com o vinho de Babilônia e sustentou que a “igreja-mãe” tinha filhas protestantes. E o eminente clérigo Isaac T. Hinton (1799-1847) insinuava abertamente que as igrejas protestantes, oficiais, devido à união com o Estado e à transigência, são filhas de Babilônia.

5. EMPREGADO NO DESPERTAMENTO DO ADVENTO. — Então, durante o Movimento do Segundo Advento na América, nas décadas de 1830 e 1840, entre as maiores corporações protestantes, houve crescente interdição contra aqueles que mantinham pontos de vista pré-milenialistas, e crescente oposição eclesiástica à ênfase sobre o Segundo Advento — particularmente entre os metodistas e congregacionalistas de Nova Inglaterra — proibindo a disseminação do adventismo. Esta oposição conduziu a que fôsse feito o chamado para “sair” das igrejas que rejeitaram a mensagem do Segundo Advento e que aderiram às corruptas doutrinas de Babilônia. Foi assim que o “chamado” veio a ser proclamado nesse tempo. Não era uma condenação à hoste de indivíduos piedosos nas várias igrejas protestantes, mas sim

às atitudes e ações oficiais em rejeitar a vital verdade do Segundo Advento. (Há um relato histórico em *Prophetic Faith of Our Fathers*, Vols. 1-4.)

6. MIL ANOS QUE SERVEM DE PRECEDENTE. — À luz do registo histórico de um milênio, nada há de novo ou estranho com referência à aplicação que os adventistas fazem de um termo que fôra usado constantemente por outras denominações, ao perceberem que a luz e a verdade haviam sido rejeitadas e combatidas. E a aplicação do termo “filhas” de Babilônia tem sido usada igualmente por trezentos anos.

Grupos e organizações como os Fundamentalistas, o Conselho Internacional das Igrejas Cristãs e a Associação Nacional dos Evangélicos afastaram-se das organizações mais antigas devido ao que acreditavam ser apostasia modernista, entretecida na liderança dominante de várias denominações.

7. EVIDÊNCIAS DE AFASTAMENTO. — Tais são os precedentes históricos. Os adventistas creem que a expressão “Babilônia”, a que se faz alusão em Apocalipse 17, tem sido aplicada corretamente ao Papado. A Grande Babilônia, no entanto, de acordo com o verso 5, é mencionada como “mãe”. Assim o termo “Babilônia” também se aplica a outros. Por conseguinte, cremos que onde quer que haja indivíduos ou grupos de indivíduos que adotem e defendam as doutrinas, as práticas e os procedimentos anticristãos da igreja papal, esses tais podem ser acertadamente denominados de “Babilônia” — parte, portanto, da grande apostasia. Onde quer que prevaleçam tais condições, os adventistas, juntamente com outros, creem que as organizações culpadas podem ser apropriadamente chamadas de “Babilônia”.

8. QUESTÃO DE AFINIDADE PESSOAL. — Cremos que as condições no mundo religioso irão piorar, não melhorar, ao nos aproximarmos do clímax do mundo (I Tim. 4:1 e 2; II Tim. 3:1 e 5.) E a separação entre a apostasia e a fidelidade à verdade tornar-se-á cada vez mais ampla à medida que a profecia se cumprir diante de nossos olhos. Mas as declarações que fazemos relativamente a Babilônia não têm o caráter difamatório que alguns querem atribuir-nos. São proferidas com pesar, não para comparações odiosas.

Estamos cientes do fato de que ser membro de qualquer igreja não é, em si mesmo, evidência de comunhão com Cristo ou de fidelidade aos princípios fundamentais do evangelho. Como foi o caso de Israel no passado, a igreja cristã através dos séculos tem sido prejudicada pela presença de uma “mistura de gente”. (Exo. 12:38; Núm. 11:4; Neem. 13:3). E isto é especialmente verdade nestes últimos tempos, em que muitos se afastaram da fé, como foi predito claramente na profecia bíblica (I Tim. 4:1; II Tim.

NOTÍCIAS - Da Imprensa



▲ WASHINGTON, D. C. — Um astrônomo Jesuíta, que, segundo se diz, sabe mais acêrca das condições nos outros planetas do que qualquer pessoa na História, tem uma palavra desanimadora — êle acha que não há vida nesses planetas. Esta foi a observação feita pelo Padre Francisco J. Heyden, S. J., ao anunciar a Academia de Ciências de Washington que conferirá a êle o prêmio anual para 1963, em vista de suas realizações no ensino da ciência.

O Padre Heyden vem observando os planetas há mais de 30 anos. Sua mais notável contribuição à pesquisa foi fotografar os planetas através de espectroscopia altamente dispersiva. Esta transforma a luz que êles emitem num amplo espectro que pode fornecer indícios dos elementos que compõem a atmosfera e a superfície dos planetas, bem como indicar suas temperaturas. Êle afirmou que as condições em Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno são completamente impróprias para a vida em suas formas mais elevadas, como é conhecida na Terra. Urano, Netuno e Plutão, muito distantes para serem analisados por meio desse tipo de fotografia, são evidentemente muito frios para a habitação humana, declarou êle.

▲ MOSCOU — Num artigo sôbre Ciência e Religião, em certo mensário ateísta publicado aqui, lamentava-se que a propagação do ateísmo através da Rússia estava encontrando dificuldades. De modo geral, o ateísmo está fazendo “algum progresso” — dizia o artigo — mas os grupos religiosos levam vantagem. “Com efeito, em várias repúblicas, o número de adeptos de diversas seitas religiosas, comparado com a situação antes da revolução, realmente aumentou.” Apresentando uma “explicação”, o artigo alegava que sob o domínio do Czar da Rússia, antes

da revolução comunista, “as seitas não ortodoxas eram perseguidas, ao passo que a constituição soviética concede liberdade a todos”.

▲ POLÔNIA — Um levantamento da opinião pública, levado a efeito entre os ouvintes de rádio da Polônia, revelou que a maioria das pessoas interrogadas preferem educar os filhos em conformidade com os princípios religiosos e não segundo a ética comunista ou socialista. De acordo com as notícias transmitidas pela cadeia de emissoras da Polônia, a razão apresentada pelos pais para preferirem o ensino religioso foi o fato de que êle tornava mais difícil que seus filhos ficassem delinquentes, êbrios ou imorais.

Um ouvinte fez a seguinte observação: “Não nos perturbem a cabeça com a ética comunista. Antes da guerra não possuíamos ética comunista ou socialista e nossas crianças e jovens se comportavam muito melhor do que sob o sistema comunista”.

▲ BERLIM — A produção de Bíblias e porções das Escrituras na Alemanha aumentou de . . . 170.250 exemplares em 1945 para 1.522.000 em 1962, conforme o último relatório anual da Associação das Sociedades Bíblicas Evangélicas na Alemanha.

▲ FRANÇA — O governo francês aprovou um projeto de lei que pela primeira vez na história militar do país confere posição legal aos não-combatentes. Em vez de serem aprisionados, êles serão agora postos a serviço onde não precisem pegar em armas, ou serão enviados para trabalhar em favor dos interesses nacionais, nalguma organização civil. Uma comissão de seis homens analisará as pretensões de cada indivíduo não-combatente, que deverá designar-se assim quando chamado a comparecer perante a comissão de recrutamento.

▲ ÍNDIA — A Suprema Côrte da Índia sustentou em Nova Delhi o “direito absoluto” das minorias lingüísticas e religiosas de estabelecer e administrar instituições educacionais.

4:3 e 4). Cremos firmemente que Deus hoje convida Seus filhos a romperem com tudo o que é contrário aos fundamentais e apostólicos princípios da verdade. — *Questions on Doctrines*, págs. 197-202.